

Universidade Federal de Minas Gerais  
Departamento de História  
Atualização em História da Cultura e da Arte

Sandra Margarete de oliveira Cotta

ANTONIO FRANCISCO LISBOA, PROFETA DO TEMPO VIVIDO:  
INTERPRETAÇÕES SOBRE OS DOZE PROFETAS DE CONGONHAS

Belo Horizonte  
2007

Sandra Margarete de Oliveira Cotta

Departamento de História.  
Especialização em História da Cultura e da Arte.

ANTONIO FRANCISCO LISBOA, PROFETA DO TEMPO VIVIDO:  
INTERPRETAÇÕES SOBRE OS DOZE PROFETAS DE CONGONHAS

Trabalho apresentado ao curso de  
Atualização em História da Cultura  
e da Arte, como requisito final para  
obtenção do título de  
Especialização sob a orientação da  
Professora Adriana Romeiro

Belo Horizonte  
2007

**ANTONIO FRANCISCO LISBOA, PROFETA DO TEMPO VIVIDO:  
INTERPRETAÇÕES SOBRE OS DOZE PROFETAS DE CONGONHAS**

***RESUMO***

Este trabalho buscou identificar algumas características na obra dos doze profetas de Antônio Francisco Lisboa o “Aleijadinho” profeta do passado, prediz o tempo vivido. Antônio Francisco Lisboa é o guia que conduz o leitor pelas ruelas das Minas.

Escultor, arquiteto e ornamentista, Aleijadinho foi um dos maiores expoentes da arte no Brasil colonial. Parte-se do pressuposto de que a análise iconográfica vai além do já complexo entendimento estético, ela migra para outros campos do saber e da sensibilidade

O Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, é considerado o trabalho mais importante do artista, que além de ser sua última obra é também cheia de misturas culturais que nos permite ver além da obra em si, e tirar possibilidades de uma obra mestiça. Observa-se que naquele período o intenso trânsito de informações e práticas faz circular, pessoas e coisas, de tal modo que zonas cinzentas se mostram mais fortes e vistosas do que a aparente iconografia multicolor.

## INTRODUÇÃO

Afirmar que a História é feita de verossimilhanças, de possibilidades e de lacunas que são preenchidas após análises de contextos e que, em muitos casos, as fontes são lacunares, poderia causar espanto a historiadores ortodoxos. Mas como não ousar diante de uma multiplicidade de caminhos, de novas metodologias e de referenciais teóricos que se colocam à disposição daqueles que se aventuram nos domínios de Clio? Dar asas à liberdade do pensamento representaria falta de rigor epistemológico ou um caminho possível? Como o homem do século XXI pode interpretar o *tempo vivido* daqueles que criaram, amaram e se angustiaram nos setecentos das Minas Gerais? As artes trazem consigo esse potencial?

O Século do Ouro no *Coração da América Portuguesa* é marcado pela pluralidade e mescla de idéias, em que a economia, a política, a religião e as artes se misturam. Nessa época (e em qualquer outra, diga-se de passagem) não é possível separar, cartesianamente, um fato histórico ou um personagem de seu entorno. Não é possível destrinchá-los ou decompô-los (uma utopia cientificista do distante século XIX), mas sim buscar compreendê-los em sua multiplicidade.

No século XVIII as instâncias se mesclam. Assim como as pessoas, as idéias não são “puras”. O intenso trânsito de informações e práticas faz circular, pessoas e coisas, de tal modo que zonas cinzentas se mostram mais fortes e vistosas do que a aparente iconografia multicolor. O sagrado e o profano se fundem nos olhares de imagens de santos, profetas, anjos e soldados, que parecem sussurrar nos ouvidos daqueles que os observam convidando-os a conhecer um mundo que pensam entender. Um convite para dançar a dança do pensamento com os pés no contexto de análise.

Parte-se do pressuposto de que a análise iconográfica vai além do já complexo entendimento estético, ela migra para outros campos do saber e da sensibilidade. As hipóteses que se colocam neste ensaio avançam rumo a um território movediço e assume os riscos a ele inerentes. São conjecturas, respostas provisórias embasadas em um contexto historicamente possível. Nesse caminho, Antonio Francisco Lisboa é o guia que conduz o leitor pelas ruelas das Minas. Como profeta do passado, prediz o tempo vivido. Basta decifrá-lo!

## O Artista e o Barroco Mineiro

Antonio Francisco Lisboa, filho de pai português (Manoel Francisco Lisboa) e mãe africana (Isabel), nasceu em Vila Rica. Sua data de nascimento é matéria controversa entre seus biógrafos. Para o Instituto Histórico e Artístico Nacional, teria nascido em 29 de agosto de 1730. Entretanto, a certidão de óbito, que se encontra na Matriz Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, revela que Antonio Lisboa faleceu aos 76 anos de idade em 1814, portanto, teria nascido em 1738. Era mestiço. Seu pai o introduziu nos segredos do ofício das artes.

Antonio Lisboa sofria de uma enfermidade degenerativa que lhe rendeu o apelido de *Aleijadinho*, mas isso não foi obstáculo que o impedisse de realizar seus trabalhos, e com a ajuda de seus auxiliares, demonstrou um esforço fora do comum para continuar produzindo obras geniais que permanecem até os dias atuais. Quanto à sua carreira artística, Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira (2002, p. 20) salienta que:

A primeira menção histórica data do ano de 1766, quando o artista recebe a importante encomenda do projeto da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto. Para esta magnífica igreja, o Aleijadinho realizaria ainda toda uma série de obras, incluindo ornamentação da fachada, talha da capela-Mor, púlpitos, lavabo da sacristia etc. Todos os gêneros nos quais exerceu o talento do artista.

Mais tarde foi convocado para outras vilas, como Sabará, São João Del Rei e Congonhas. Entre seus vários trabalhos está o conjunto do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo. Nessa época já se encontra bastante debilitado com a sua enfermidade. Antonio Lisboa é considerado um dos maiores expoentes do Barroco Mineiro.

O Barroco Brasileiro data dos séculos XVII e XVIII, com o que se convencionou chamar de *ciclo do ouro*, e envolveu diversas atividades culturais. Caracterizou-se pelo movimento sinuoso das formas, pelo jogo dos opostos, pela luz tangente e pela exuberância dos detalhes. Entretanto, não se limita a aspectos estilísticos, vai além. Como bem salientou Adalgisa Arantes Campos (2006, p. 7) “o

Barroco não foi apenas um estilo artístico, mas uma visão de mundo envolvendo formas de pensar, sentir, representar, comporta-se, acreditar, criar, viver e morrer.”

É importante lembrar que a religião sempre esteve intimamente ligada à arte barroca, principalmente na arquitetura, porém, o Barroco tornou-se uma das possibilidades de expressão de liberdade em um período de dominação e opressão. Embora Portugal tenha sido modelo para iniciação do Barroco Brasileiro, ainda assim, conseguiu-se formular expressões tipicamente brasileiras. A esse respeito Augusto de Lima Júnior (1943, p. 329) destaca que o Barroco representa “perpétua e indissolúvel união tradicional, histórica e efetiva com Portugal, cuja arte é nossa, pois, sua paisagem, seu sangue, sua língua, seus sentimentos são os nossos”.

O Barroco se liberta da simetria e das composições geométricas, em favor da expressividade e do movimento. Em Minas Gerais, sob o patrocínio das Irmandades ocorreu uma transformação nos conceitos artísticos da América Portuguesa, que até então sofriam influência do estilo Barroco Europeu.

Para Affonso Ávila (1984, p. 7) “o Barroco acompanhou a corrida do ouro e acabou por insular-se em Minas, aqui alcançando grandeza e autonomia criativa e fazendo demorar por todo o século dezoito a prevalência de suas formas.” Mesmo com muitas dificuldades - no que diz respeito a materiais e técnicas - para empreender as grandiosas obras, o Barroco Mineiro se desenvolveu de forma peculiar possibilitando a criação de uma arte regionalista, com estilo e expressão próprios.

Muitos artistas passaram por Minas Gerais no século XVIII deixando suas *marcas*, entre eles, Antônio Francisco Lisboa. Ele foi o responsável por vários trabalhos tanto na arquitetura quanto na escultura e na pintura.

## **INTERPRETAÇÕES ...**

Inúmeros foram os trabalhos realizados por Antonio Lisboa. No presente estudo, o Artista conduz o leitor a apreciar as esculturas dos doze profetas e dizer o que vê. Uma vez que sua obra, impregnada pelo espírito do seu tempo, é alvo de várias interpretações.

Os olhares dos intérpretes são marcados pelas experiências, pela subjetividade estética e pela visão de mundo de cada um. Não há como desconsiderar os lugares sociais e institucionais que ocupam. Alguns possuíam formação acadêmica, outros, o desejo de conhecer. Advogados, filósofos, literatos, pedagogos e historiadores formam a legião de intérpretes da obra de Antonio Lisboa.

Em termos biográficos, o primeiro trabalho que buscou resgatar a figura do artista Antonio Francisco Lisboa veio a lume em 1858, pela pena de Rodrigo José Ferreira Bretas. Seu relato, intitulado: *Traços biográficos relativos ao finado Antonio Francisco Lisboa (o Aleijadinho)*, foi publicado no Correio Oficial de Minas Gerais e serviu de referência para vários trabalhos posteriores, inclusive foi a base para o roteiro do filme: *Aleijadinho*.

Entretanto, o trabalho de Bretas, foi e ainda é alvo de crítica por parte alguns estudiosos, que alegam que o trabalho está impregnado de lendas, mitos, e impropriedades. Apesar da ressalva que se possa fazer, não se pode negar que muitas produções de textos (entre livros e artigos), tem buscado como pano de fundo essa biografia. Como bem salientou Francis Cotta em seu artigo *Fragmentos da história policial e militar de Minas Gerais: história e historiografia*:

“A história se dá a conhecer na forma de fragmentos. O fragmento é o inassimilado, o heterogêneo, que o historiador procura dar sentido, pois não há um sentido único. O historiador reabre o passado para contá-lo de outra maneira. Mas essa volta ao passado só faz sentido se ao mesmo tempo o presente iluminar seu passado e sua história” (COTTA, 2005, p. 1)

A extensa quantidade de artigos e livros revelam também numerosas séries de interpretações controversas e fragmentos biográficos dispersos sobre a biografia do artista.

Entre os escritores do Brasil, podemos citar Júlio Engrácia, que no início do século XX (1908) apresenta a *Relação cronológica do Santuário e irmandade do Senhor do bom Jesus de Congonhas do Campo no Estado de Minas Gerais*. Engrácia que no início de século XX era o administrador do santuário, se deixa impregnar pelo “espírito anti Aleijadinho” e pede a substituição das imagens do

Santuários de Congonhas, chamando-as de monstros extra-humanos. Nos finais da década de 1930, José de Souza Reis, lança um pequeno artigo intitulado: *O Adro do Santuário de Congonhas*, pela Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Mário de Andrade, um dos grandes expoentes artistas brasileiros também escreveu sobre o maior dos escultores do país. Em sua análise, Mario de Andrade dividiu em duas fases a obra de Antônio Lisboa: a primeira seria a fase em que a doença ainda não transtornava o artista; uma fase de serenidade equilibrada e magnífica clareza. A segunda fase é quando o artista é tomado pela doença; surge um sentimento muito mais gótico e expressionista. O inesperado, é que sua fase enferma foi que lhe consagrou artista.

Na década de 1940, aparecem os estudos de José Mariano Filho (*Antonio Francisco Lisboa*) Na década de 1970, os trabalhos de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, que após se preparar em cursos especiais de História da Arte e Estética na Universidade de Louvain e realizar estudos em arquivos, escrever artigos e uma tese lançou: *Aleijadinho: passos e profetas*. No início da década de 1980, Delson Gonçalves Ferreira, com formação em Pedagogia, Filosofia, Teologia e Direito, recebeu o *Prêmio de Literatura Cidade de Belo Horizonte*, seção ensaio, com o trabalho *O Aleijadinho*.

Como o debruçar-se sobre tempo vivido não é privilégio dos historiadores, em 1983, a advogada Isolde Helena Brans Venturelli, lançou o livro: "Pátria: profetas ou conjurados?". Fascinada pelas esculturas do Santuário Senhor Bom Jesus de Matosinho, interpretou as expressões daqueles rostos de pedra sabão.

Venturelli, debruçando-se sobre manuscritos desgastados pelo tempo, seguiu os rastros deixados por Antônio Francisco Lisboa. Analisou cuidadosamente os registros de óbito e nascimento, o censo de 1804, os informes do *Relatório de Bretas*, a fim de esboçar o perfil do artista. Deslumbrada pelas famosas esculturas dos profetas, a pesquisadora teve a intuição de que elas representariam os conjurados da Inconfidência Mineira.

Cada escultura foi analisada durante anos, os dizeres em latim foram interpretados, em como as roupagens, expressões e movimento. O profeta Isaias, foi identificado como sendo Domingos de Abreu Vieira, que avisou os inconfidentes



para que fugissem. Jeremias, de aspecto nobre, representaria o Francisco de Paula Freire de Andrade. Os profetas Abdias e Abacuc, seriam as representações plásticas de José Álvares Marciel e Domingos Vidal Barbosa. Daniel evocaria o Tomáz Antônio Gonzaga. Oséias o Inácio José de Alvarenga, e Jonas seria o Tiradentes. Amós seria a própria figura de Antônio Francisco Lisboa. Os outros inconfidentes foram identificados nos quatros profetas restantes.

Talvez fosse sobre essa interpretação que Francisco Iglésias se referia no prefácio do livro *Aleijadinho: passos e profeta*, de autoria de Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, ao criticar “certo delírio imaginativo que julga ver nas figuras a representação de conhecidos personagens da vida mineira na fase final dos setecentos e na inicial dos oitocentos” (OLIVEIRA, 2002, p, 8.).

Esse diagnóstico das raízes da revolta na obra de Antônio Francisco foi também defendido por outros estudiosos como o pesquisador e jornalista Fernando Jorge na década de 80, que teve ampla cobertura da mídia, sobretudo a televisiva; e por Marilei Moreira Vasconcelos na década de 90. Contudo não há uma análise mais profunda sobre o assunto, dessa forma o trabalho de ambos ficam a mercê da subjetividade. Alguns trabalhos tiveram seus méritos, e muitos inspirados no trabalho do francês historiador de Arte Germain Basin que consagrou Antônio Francisco Lisboa em “gênio universal”.

Dentre os pesquisadores estrangeiros, nos anos 50, o breve comentário de Richard Kohn (*Os Profetas de Aleijadinho: monstros ou obras primas?*). década de 80 o de Germain Basin, que por sinal foi um dos trabalhos estrangeiro mais citados; e o trabalho do inglês John Bernad Bury, organizado por Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, ainda pouco conhecido e que merece destaque. Seu livro *Arquitetura e arte no Brasil colonial*, reúne uma coletânea de artigos sobre a arquitetura brasileira portuguesa, colocados pela primeira vez em volume que trás uma série de curiosidades sobre as Obras de Antônio Lisboa.

## **OS PROFETAS SEGUNDO AS ESCRITURAS DO ANTIGO TESTAMENTO**

A Bíblia hoje, não serve apenas para conservar instituições já sedimentadas, mas ainda, tem sido para muitos e nas mais diversas sociedades uma fonte geradora de esperanças e utopias. Nesses textos bíblicos está toda uma visão secular de mundo palavras tão antigas e tão atuais ainda, dominantes. Todos os povos e todas as culturas tiveram e ainda têm uma expressão religiosa, essas expressões podem ser manifestadas em forma de códigos, linguagens, símbolos, mitos e ritos.

Para além da religiosidade, outro lado dessa escritura que o historiador também pode explorar é a questão da tradição histórica de um determinado povo. No caso deste texto fazer-se a uma abordagem sobre os profetas; comparando-os aos profetas esculpidos por Antônio Francisco Lisboa. Afinal o que era ser um profeta no Antigo Testamento? Quais eram suas profecias? Teria Antônio Francisco se inspirado nesses profetas para realizar sua obra síntese de Congonhas?

No antigo testamento, profetas eram pessoas que tinham o estreito relacionamento com Deus, viam o mundo e povo no concerto sobre a perspectiva divina e não segundo o ponto de vista humano. Eles recebiam o conhecimento da parte de Deus no tocante às pessoas ou eventos e a verdade redentora. Na maioria das vezes abandonavam a vida corriqueira, a fim de viverem exclusivamente para Deus, ou seja, os profetas eram pessoas comuns na vida cotidiana - pastores de ovelhas, sacerdotes- contudo, Deus os escolhiam para revelar a sua palavra ao povo. Os profetas do Antigo Testamento são figuras que dentro da tradição bíblica exerceram um “poder” sobre uma grande camada da sociedade, e considerável influência sobre a composição das escrituras bíblicas, sendo que dois terços foram escritos por eles.

**Isaias** vinha de uma família influente de Jerusalém, e era familiarizado com a realeza e aconselhava os reis no tocante a política externa de Judá, considerado um homem de cultura, o mais literário e influente dos profetas. Contemporâneo de Oséias e Miquéias. Profetizou durante a expansão ameaçadora do Império Assírio, o colapso de Israel (o reino do Norte), e o declínio espiritual e moral de Judá (o reino do Sul).

Fica o propósito da mensagem de Isaias, era confrontar a própria nação e outras nações contemporâneas, com a palavra do Senhor, mostrando-lhes seus pecados e conseqüentemente castigo divino, profetizando esperanças à geração futura de exilados judaicos. Foi Isaias que profetizou entre outros, a Anunciação à Virgem Maria e o nascimento de Cristo. Isaias conforme a tradição foi perseguido e morto pelo rei Manessés em 740 a.C.

Percebe-se pela realização da obra dos doze profetas de Congonhas do Campo, que Antônio Lisboa detinha certo conhecimento sobre os textos bíblicos. Isaias no conjunto arquitetônico de Congonhas abre a série de honra na entrada da escadaria. A forte expressão no seu rosto e o tipo físico apresenta um homem de grande responsabilidade. Sua ação demonstra uma posição privilegiada como se ele estivesse conduzindo os outros profetas. Segura uma espécie de pergaminho com a mão esquerda, enquanto a direita aponta para o texto nele inscrito.

**Daniel** era de família culta da classe alta de Jerusalém, possivelmente descendente do rei Ezequias, seu nome significava “Deus é meu juiz”. O livro de Daniel retoma os elementos fundamentais da fé israelita, para enfrentar os problemas posto do seu tempo. Em face das civilizações pagãs onde pululam os deuses, onde os próprios reis são divinizados, o que poderiam acarretar o risco do martírio. As mensagens profética de Daniel abrangem duas dimensões: o futuro próximo e o futuro distante, esse foi um dos profetas que teve grande influência nas escrituras do Novo Testamento.

**Jeremias**, filho de sacerdote nasceu e cresceu na aldeia Sarcedotal de Anatote durante o reinado do rei Manessés. Seu ministério profético começou durante o reinado de Josias e apoiou seu movimento de reforma; entretanto, tais reformas não alcançaram resultados que pudessem trazer uma transformação de sentimentos do povo. Por vinte anos, Jeremias profetizou a Judá, sendo ordenado por Deus a deixar sua mensagem por escrito. Assim o fez ao ditar suas profecias ao seu fiel secretário Baruc. Visto que estava proibido de comparecer perante o rei, enviou Baruc para ler as profecias no templo.

Na obra de Antônio Lisboa, igualmente a Isaias, Jeremias ocupa uma posição de destaque na entrada da escadaria. Sua característica apresenta um

homem de meia idade, com as barbas curtas e enroladas “à moda bizantina”, na cabeça usa um turbante e nos pés, calça botas. Segura também um filctério e uma pena, que revela seu lado intelectual.

**Ezequiel** era de família sacerdotal, era sem dúvida um homem de amplos conhecimentos, não somente das tradições nacionais, mas também de assuntos internacionais e da história. Sua familiaridade com tópicos gerais de cultura, desde a concentração de navios até a como a literatura por exemplo, é igualmente espantosa. Seu nome significa “Deus fortalece”. O propósito das profecias foi entregar a mensagem divina do juízo ao povo apóstata de Judá e Jerusalém e as nações estrangeiras ao seu redor.

Na obra de Antônio Lisboa a representação de Ezequiel, tem a cabeça inclinada, sua fisionomia se assemelha de Jeremias, suas vestes são longas, sua mão esquerda segura um também uma espécie de pergaminho.

**Oséias** cujo nome significava “Salvação” sobre sua vida somente se sabe o que ele nos diz. Era filho de Beeri, e segundo uma tradição cristã pertencia a tribo de Issacar. Profetizou em meados do século VIII a.c. A profecia foi a última tentativa de Deus em levar Israel a arrepender-se de sua idolatrada e iniquidade presentes, antes que ele entregasse a nação ao pleno juízo.

O livro foi escrito com objetivo de revelar que Deus conserva seu amor ao povo segundo o concerto, e deseja intensamente redimi-lo de sua iniquidade. Deus ordenou ao profeta que tomasse uma mulher adúltera a fim de ilustrar a infidelidade espiritual de Israel, teve três filhos, cujo os nomes são sinais proféticos a Israel: Jezeel – “Deus espalha”; Lo-Ruana – ‘Não compadecia”; e Loo-Smi – “não meu povo”. O amor perseverante de Oséias a sua esposa adúltera simboliza o amor inabalável de Deus por Israel.

Oséias trás outro tipo de vestimenta, uma espécie de casaco curto, sua cabeça é coberta por um barrete semelhante à de Ezequiel. Há que se destacar a gestualidade das estátuas. Os braços apontam em direção ao céu, é uma característica, que vale a pena refletir sobre a influência da igreja em Aleijadinho.

**Amós** exerceu o seu ministério em Israel no século VII a.c e foi contemporâneo de Jonas e Oséias. Era originário de Tecoá, cidadezinha a quase 10km do sul de Belém Não era um homem da corte, nem sacerdote. Ganhava a vida cuidando do rebanho e das figueiras bravas. Embora fosse leigo e não tivesse status de profeta, nem por isso deixou de ser chamado por Deus para profetizar a rebelde Israel. Seu nome significa “carregador de fardos”. O propósito da profecia era mostrar que a prosperidade de Israel servia apenas para aprofundar a corrupção da nação. Foi enviado a Betel para proclamar a mensagem. Tem como tema principal a sua profecia Justiça, Retribuição Divina pelo pecado.

O Amós de Francisco Lisboa difere totalmente dos demais profetas, vê-se esta diferença no seu tipo físico e na indumentária, seu rosto apresenta uma expressão calma, seu casaco parece com uma pele de animal, na cabeça trás uma espécie de gorro que ainda é usado pelos camponeses portugueses da região do Alentejo.

**Joel**, cujo nome significa “O senhor é Deus”, identifica-se sendo filho de Petuel. Sua numerosa referência a Sião e ao ministério do templo indicam que ele era profeta em Judá e Jerusalém e sua familiaridade com os sacerdotes sugere ter sido ele um profeta sacerdotal que proclamou a verdadeira palavra do senhor. O propósito da profecia era juntar o povo diante do senhor numa grande assembléia solene; exortar o povo a arrepender-se e a voltar-se humildemente ao Senhor Deus com jejuns, choro, pesar e clamor por sua misericórdia e registrar a palavra profética ao seu povo por ocasião de seu sincero arrependimento.

Levando em conta que Joel não menciona nenhum rei, ou evento histórico, não se pode determinar o período de seu ministério. Acredita-se que tenha sido exercido depois de exilados terem voltado a Jerusalém e reedificado o templo. A figura de Joel segue o modelo padrão usada em Ezequiel, Jeremias e Oséias. Na escultura percebe-se o movimento do corpo pela posição.

**Abdias** significa “servo” ou “adorador do senhor”. Trata-se de nome muito comum. Não é mencionado o nome de seu pai nem o lugar de seu nascimento. A profecia de Abdias era revelar a intensa ira de Deus contra os

edomitas por terem regozijado com o sofrimento de Judá; para entregar a palavra do juízo divino contra Edom.

Profetiza o resultado final da atuação de Deus, para os edomitas - destruição para Israel, povo de Deus - livramento no futuro dia do Senhor. No adro das escadarias em Congonhas, Abdias apresenta um tipo físico de um jovem, sua vestimenta é simples, sua posição segue igual à de Baruc.

**Jonas**, cujo nome significa “pombo” nos apresentado como filho de Amitai profeta de Israel durante o reinado de Jeroboão II,(793-753 a.c), era cidadão de Gate-Efer, se localizava a 4km ao norte de Nazaré, na Galiléia. Os Fariseus estavam enganados quando alegaram que nenhum profeta surgira da Galiléia. O propósito do livro de Jonas é demonstrar a Israel e as nações a magnitude e ampliação da misericórdia divina e atividade Deus através da pregação do arrependimento.

Já em Jonas de Antônio Lisboa, se repete o tipo de indumentária de Jeremias, Ezequiel, Oséias e Joel. Segundo pesquisadores, algumas obras de Aleijadinho apresentam deformações nas estruturas provavelmente foram intervenção de seus auxiliares, percebe-se que a técnica aplicada é bem diferente. Jonas, Naum, Joel, são alguns exemplos dessas esculturas, pois, possui irregularidades (defeitos).

**Naum**, cujo nome significa “consolo” e está relacionado com o nome Neemias que significa “O senhor consola” ou “consolo do senhor”. Nada se sabe a respeito de Naum, a não ser que era proveniente de Elcos, cuja localização é incerta. Suas profecias se dá antes da queda de Ninive em 612 a.c .

Deus usou o profeta, pra pronunciar a destruição iminente da ímpia e cruel Nínive. Nenhuma nação tão ímpia como Assíria poderia alimentar esperança quanto ao juízo divino. Ao mesmo tempo, Naum entrega uma mensagem de consolo ao povo de Deus. Em Congonhas a representação de Naum é de um homem mais velho, suas vestes são longas, e apresenta deformações nas estruturas.

**Habacuc**, cujo nome significava “abraço”. Sobre a vida de Habacuc, pouco se sabe a não ser que era da época de Jeremias e homem de fé vigorosa, profundamente arraigadas nas tradições de Israel. Diferentemente da maioria dos

profetas, ele não profetizava á Judá. Escreveu para ajudar o remanescente e piedoso a compreender os caminhos.

O livro de Habacuc é texto chave do Antigo Testamento usado por Paulo em sua teologia da justificação. Seu padrão tipológico se repete a de outros profetas como o de Jeremias Oséias Joel e Jonas, seu vestuário segue o modelo de Naum e Jonas.

**Baruc**,cujo significado de seu nome é “abençoado”. Filho de Nérias, irmão de Seraias, amigo e secretário do profeta Jeremias. Era homem erudito de nobre família,tendo servido fielmente ao profeta. Pelas instruções de Jeremias, Baruc escreveu as profecias daquele profeta, comunicando-se aos príncipes e aos governadores. E foi numa dessas caminhadas de Baruc e Jeremias que ambos foram acusados de traição. Após a conquista de Jerusalém pelos babilônicos, Jeremias foi bem aceito pelo rei Nabucodonosor.

A representação de Baruc entre os profetas de Antônio Lisboa é curioso, pois ele não foi um profeta, conforme o Antigo Testamento, era o fiel secretario de Jeremias, tinha como missão específica colocar por escrito as profecias, justificando assim, a sua inclusão na obra de Aleijadinho. As profecias de Baruc estão ligadas a pregação de Jeremias, que na edição da Vulgata, as duas constituem um único livro. Essa escultura representa um jovem, carrega em uma das mãos um filactério, na cabeça usa um turbante semelhante ao de Jeremias, e nos pés botas.

Antônio Lisboa provavelmente tenha buscado inspiração nos profetas do antigo testamento, misturando-os conforme a arte de seu tempo. Os seus profetas, foram criados com blocos, disformes e frios, de pedra-sabão, arrancados das montanhas das Minas Gerais, com maço, cinzel, formão, goiva, goivete, suor e sangue, engenho e arte, dor e fé... Colocados de pé, talvez lentamente, no pátio fronteiro do Santuário de Bom Jesus de Congonhas. Caminhando e conversando ou até predizendo acontecimentos e castigos passados e futuros...

As estátuas dos doze profetas são quase em tamanho natural. Esculpidas em pedra sabão, estão organizadas no adro do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Elas possuem uma tridimensionalidade genial. As atitudes e os gestos individuais de cada uma das estátuas se interligam como se fossem uma encenação

teatral. As vestes têm profundidade e as dobras são bem aparentes, fazendo o jogo de luz e sombra, típico do Barroco.

O Santuário Mineiro, localizado em Congonhas do Campo, começa a ser construída em 1757, como pagamento de uma promessa do português Feliciano Mendes, que doa toda sua fortuna. A confraria decide construir um santuário imponente. Também ali haverá os *Passos*; um *Adro*; e sobretudo um grande *Artista* a fazê-lo. Em 1796 na administração de Vicente Freire de Andrade, António Lisboa é contratado para fazer a execução das estátuas do santuário. Em 1805, estava concluído o mais famoso estatuário barroco do mundo.

As estátuas estão a céu aberto. Há séculos resistem às intempéries climáticas e ao vandalismo. A *FIG. 01* mostra o conjunto arquitetônico que compõe o cenário do Santuário. Há uma visível integração das estátuas ao suporte arquitetônico. O adro e a escadaria ornados pelos profetas de Aleijadinho conferem-lhe uma imponência incomum.



Figura 1 - Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Congonhas. Minas Gerais.

Fonte: COTTA, Sandra Margarete de Oliveira, 2007.

Em frente à igreja, o Largo dos doze Profetas. Destinadas à ornamentação do adro do santuário, não representam figuras estáticas; estão



distribuídas em volta do adro como se estivessem a profetizar para as pessoas que passavam e passam pelo lugar. António Francisco dá-lhes expressões, gestos, formas, e principalmente as particularidades. É deles que brotam as palavras, são eles os grandes oradores. Os pés e as mãos são estranhos, defeituosos, será devido o agravamento da doença? Ou será intencionalmente?

Robert Smith<sup>1</sup> acredita que as deformações dos profetas foram um ato intencional de António Lisboa, entretanto, Miryan Oliveira discorda, pois, para ela as alegações de Robert Smith, não são suficientes para explicar alguns erros grosseiros de anatomia na escultura dos profetas de Congonhas. A obra executada por António Lisboa, não apresentam problemas na anatomia, ao contrário de algumas imagens (soldados romanos) executadas por seus auxiliares; devido a incapacidade técnicas desdes. As deformações de alguns Profetas não diminuem a importância e a beleza da obra do mestre.

Sob a sombra dos códigos um acróstico. Marilei Moreira Vasconcelos explica em seu livro. *Iconografia maçônica*, que as iniciais dos Profetas Abdias, Baruc, Ezequiel, Jonas, Jeremias, Amós, Daniel, Joel, Nahum, Habacuc, Oséias e Isaías montam o nome como era conhecido: Aleijadinho. Bastariam 11 letras. O Mestre além de utilizar as iniciais de Jonas e Joel (o jota tônico tem som de "i"), usa o "i" de Isaías, para homenagear sua mãe, escrava Izabel. Está aí em forma de código a assinatura de António Lisboa.

### **MESTIÇAGEM NA OBRA?**

A questão da mestiçagem, das trocas culturais, e da circularidade não é algo novo, é um processo que vem desencadeando ao longo do tempo. A influência mestiça se ocupa de vários setores da vida cotidiana, seja na literatura, nas manifestações populares, na arte, e sobretudo na religião que foi acrescida de outros dogmas como por exemplo: credices, superstições, tabus etc.

O Brasil sempre buscou um parâmetro progressista nas grandes metrópoles européias, a arte foi um desses elementos. Contudo, a mestiçagem já estava inserida no contexto do país, por ser uma terra formada não somente de

---

<sup>1</sup> SMITH, Robert Chester. *Congonhas do Campo*. Rio de Janeiro: Agir. 1973

brancos, mas de índios, negros, mestiços. Antônio Lisboa, não só era mestiço como produzia obras mestiça.

Vale lembrar que falar sobre a arte mestiça não é tão simples assim, os espaços são múltiplos e complexos, que "fornecem o privilégio de se pertencer a vários mundos numa só vida: Sou um tupi tangendo um alaúde...". "As mestiçagens nunca são uma panacéia; elas expressam combates jamais ganhos e sempre recomeçados" (Gruzinski, 2001, p. 320).

Antonio Francisco Lisboa fez de pedras, rostos, feições, gestos, figuras humanas ou divinas, porta-vozes de Deus e dos homens, e, sobretudo, dele mesmo. Como os seus profetas que nas suas cartelas escrevem mensagens misteriosas para homens de todos os tempos.

Seus profetas não se limitariam à esfera do sagrado, tampouco ao político. Neles observam-se a circularidade das culturas, dos saberes, reflexos de leituras nas bibliotecas de Vila Rica. Sob a luz de velas, as páginas iluminavam o espírito, a sensibilidade de Antônio Lisboa. Ouvidos atentos a escutar sussurros e inconfidências. Mente e coração interligados a desenvolver estratégias de resistências através de suas imagens.

Em seu cotidiano, o artista encontrava pelas vilas homens que circulavam pelo Império Ultramarino Português. Soldados, administradores, degredados e aventureiros que serviram e viveram em Macau, Goa, Moçambique, Lisboa e Vila Rica e traziam consigo não somente lembranças de outras culturas, mas se constituíam em mediadores.

John Bury apresenta algumas sugestões no livro *Arquitetura e arte no Brasil colonial* sobre as características artísticas de Antônio Lisboa, Para ele, “a distribuição das capelas dos passos, acompanhando a ladeira, faz lembrar um projeto semelhante, embora mais elaborado: a Igreja Bom Jesus do Monte (*figura 2*), próximo a Braga no Norte de Portugal. Já o Adro com suas estátuas faz lembrar um o pátio dos Reis do Santuário dos Rémedios (*Figura 3*) em Lamego, perto de Braga”(BURY, 1991,p. 25)”.

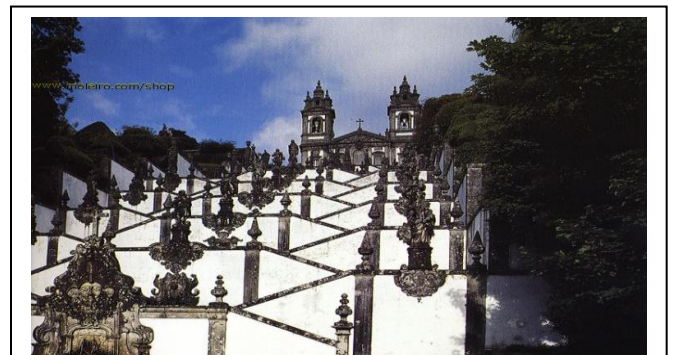


Figura 1 - Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Congonhas. Minas Gerais.

Fonte: COTTA, Sandra Margarete, 2007.



Figura 1 - Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Congonhas. Minas Gerais.

Fonte: OLIVEIRA, Sandra Margarete

Figura 2 - Santuário do Bom Jesus do Monte: Próximo a Braga Portugal

Fonte:



Figura 3 - Santuário dos Remédios em Lamego, perto de Braga

Fonte: <http://www.>

As semelhanças são surpreendentes e ao mesmo tempo instigantes. Teria Antônio Lisboa visto projetos de tais igrejas? É provável, até porque o artista mantinha uma proximidade com as igrejas na colônia, que por sua vez, tinha contato com outras igrejas na metrópole; com as irmandades, estas viviam em disputa para construir a capela mais bela, e com isso pode ser que tenha chegado às mãos de Antônio Lisboa muitas gravuras trazidas de vários lugares. E por fim, além do contato com outros artistas, havia também a elite local. Alguns estudiosos atribuíam o seu aprendizado básico na área da escultura de relevos ornamentais, sob direção do português João Gomes Batista, formado por sua vez em Lisboa com o artista francês Antoine Mengin.

Todos esses atores coloniais, de certa forma fizeram chegar às mãos de Antônio Lisboa, as novidades que circulavam pela Europa. Conforme Myrian Ribeiro, “O Aleijadinho teve certamente conhecimento do tema por intermédio de gravuras, forma usual de difusão dos temas iconográficos e artístico na era anterior a fotografia.” (OLIVEIRA, 2002, p. 56)

Nas esculturas dos doze profetas, é possível perceber a circularidade cultural principalmente através das roupagens, dos traços e dos gestos corporais. Como por exemplo, o profeta Daniel que possui os olhos marcadamente orientais, e a coroa de louros, que já tem uma característica a moda romana. Myrian Ribeiro ressalta que:

Foi por conseguinte na Europa do Norte, e especialmente na região de Flandres, que se estabeleceu o tema da caracterização de profetas, patriarcas e outros personagens bíblicos de procedência “oriental” com vestimenta exóticas e complicadas incluindo longos casacos e mantos debruçados de faixas bordadas, complementados por barretes em forma de turbantes “à moda turca. São portanto comuns as representações de personagens vestidos “à moda turca” na arte portuguesa do período de 1500-1800”. (OLIVEIRA, 2002, p. 56)

Antônio Lisboa simplesmente não imaginou todas essas expressões, roupas, e acessórios, inclusive as disposições das estátuas. Contudo, ele não fazia cópias, ele (re) criava, (re) inventava um estilo próprio. Construiu algo novo. Seu trabalho é mestiço, e parece um pêndulo a oscilar entre as formas de comportamento e cultura das mais diversas sociedades. A impressão é profunda, é vista e sentida.

John Bury, trás outros dados dessa mescla na obra Antônio Lisboa. Segundo ele, os profetas de Congonhas “são em muitos aspectos, as esculturas mais satisfatória de personagens do Antigo Testamento que jamais foram executadas com exceção do Moisés de Michelangelo (1514 – 1516)” (BURY, 1991, p.29). Segundo ele foram vários profetas esculpidos por artistas diversos, como Donatello que esculpiu Jó e Jeremias (1427-1436) obra prima da Renascença. Elias e Jonas por Lorenzo Lotti (1519-1520); Daniel e Habacuc (1656 – 1657) por Bernini. “Obras importantes em seus respectivos estilos, mas parecem quase irrelevantes enquanto estudos dos profetas que representam.” (BURY, 1991, p.29).

Um trabalho que Bury considera a altura de Antônio Lisboa, é o de Klaus Sluter, escultor flamengo que esculpiu seis estátuas em tamanho natural. Essa obra pertencente a um estilo gótico flamejante se encontra no Calvário, Claustro da Chartreuse de Champmol, perto de Dijon. Os personagens escolhidos foram: Moisés, Davi, Jeremias, Zacarias, Daniel e Isaias. Segundo Bury, o Isaias de Antônio Lisboa lembra em muitos aspectos, o São João Batista de Klaus Sluter, no Portal da igreja de Champmol.

“As estatuas de Klaus Sluter, embora de estilo diferente das do Aleijadinho, têm em comum com estas um profundo interesse pela personalidade dos profetas bem como uma concepção heróica do tema. Em ambos os monumentos os artistas romperam com a tradição estabelecida e fizeram a arquitetura subordina-se às esculturas” (BURY, 1991, p.29).

Figura 4



Esculturas proféticas de Klaus Sluter. (Cartuxa de Dijon.)

Fonte: <http://orbita.starmedia.com/hyeros/antigotestamento>.

figura 5



figura 7



Esculturas de Antônio Francisco Lisboa (Isaías fig 6) (Baruc fig 7)

Fonte: <http://concothas.com/profetas>

figura8



“São tantas as semelhanças na produção desses dois escultores que paradoxalmente parece mais apropriado avaliar o Aleijadinho segundo os padrões artísticos do século XV do que pelos de sua própria época” (BURY, 1991, p.41)

Outro ponto que pode ser observado nas escultura de Antônio Lisboa, é com relação à estilização gótica nas formas ovaladas dos rostos, nos cabelos em volutas, nas vestimenta de efeito trágico como das esculturas alemãs do século XVI. Pode-se dizer que sua obra era um produto da terra, e do homem vivendo nela, e era ao mesmo tempo outras culturas além-mar.

Sobre a iconografia das imagens, o historiador francês German Bazin aponta uma série de gravuras florentinas anônimas do quatrocento como fonte do artista mineiro. Myrian Andrade também cita a análise de Robert Smith “sua origem na arte luso- brasileira liga-se diretamente à adoção de modelos estabelecidos na pintura flamenga em fins da era medieval, e introduzidos em Portugal por artistas procedentes dos Países Baixos na época de D. Manuel (1495-1512).” (OLIVEIRA, 2002, P. 56). A pintura flamenga, em fins da era medieval, introduz os elementos

"orientais" nessa iconografia. A representação dos profetas aparece com vestimentas exóticas na arte portuguesa entre 1500 e 1800, como é o caso das figuras no Santuário de Braga

O mestre mineiro conseguiu inventar uma linguagem amadurecida no seu tempo, misturando-as com traços do Gótico, acentos expressionistas, sobrevivências renascentistas. Superou suas deficiências físicas e conseguiu expressar livremente seu trabalho. Em Congonhas do Campo, é possível notar nos profetas uma exaltação dos sentimentos, a religiosidade é expressa de forma dramática, intensa, procurando envolver emocionalmente as pessoas. É caracterizada pelo dramatismo expressionista. Destaca as expressões faciais e as características individuais, cabelos, músculos, lábios. Eles se movimentam transmitindo através do olhar e gestos, a mensagem do mestre Lisboa.

### **Considerações finais**

Antônio Lisboa foi um homem inovador no seu tempo. A obra dos doze profetas é sem dúvida uma obra magistral da arte Barroca. O artista demonstra sua destreza suprema como mestre das últimas técnicas .

Este trabalho não tem a pretensão de fornecer uma análise acabada sobre a obra de Antônio Francisco Lisboa em Congonhas do Campo, pois, existem outros olhares, outras interpretações. Contudo, vale lembrar que é de suma importância fazer uma análise iconográfica e iconológica, mais aprofundada sobre o assunto identificando os múltiplos caminhos de pesquisa a percorrer no sentido de

maior entendimento sobre a obra de Antônio Francisco Lisboa, porque muitas indagações estão por enquanto sem respostas e outras sem dúvidas virão.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Affonso. *Iniciação ao Barroco Mineiro*. São Paulo: Nobel, 1984.

BRETAS, Rodrigo José Ferreira. *Traços biográficos relativos ao finado Antonio Francisco Lisboa (o Aleijadinho)* In: *Correio Oficial de Minas*, nºs 169-170, 1958.

BURY, John Bernard. *Arquitetura e arte no Brasil Colonial*. Org. OLIVEIRA Myriam Andrade Ribeiro. São Paulo, Nobel, 1991.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao barro mineiro*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

COTTA, Francis Albert. *Olhares do historiador. Verdade e interpretações históricas*. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, 2007.

COTTA, Francis Albert. *Diálogos Bélicos Transoceânicos: trânsito de informações e práticas e as milícias negras no Império Ultramarino Português*. In: *CRONOS; Revista de História*. Faculdades Integradas Pedro Leopoldo. Nº 10, Pedro Leopoldo, 2006, p. 127-158.

ENGRÁCIA, Júlio. *Relação cronológica do Santuário e irmandade do Senhor do bom Jesus de Congonhas do Campo no Estado de Minas Gerais*. São Paulo, 1908.

FARJAIAT, Célia Siqueira. *Profetas ou Conjurados?* Correio Popular, Campinas, 10 fev., 1983.

FERREIRA, Delson Gonçalves. *O Aleijadinho*. Belo Horizonte: Rona, 2001.

KOHN, Richard. *Os Profetas de Aleijadinho: monstros ou obras primas?* In: *Habitat*, nº 49, São Paulo, 1958, p. 35-38.

LIMA JUNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943.

MARIANO FILHO, José. *Antonio Francisco Lisboa*. Rio de Janeiro, 1945.

OLIVEIRA, Myrian Andrade Ribeiro de. *Aleijadinho: passos e profetas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

SMITH, Robert Chester. *Congonhas do Campo*. Rio de Janeiro: Agir. 1973

REIS, José de Souza. O adro do Santuário de Congonhas. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 3, Rio de Janeiro, 1939, p. 207-226.

REVISTA BR HISTÓRIA. Dossiê Aleijadinho. Artista ou mito? Mistérios que cercam a vida e a obra do mestre do Barroco Brasileiro. Ano 01, n.º 03. São Paulo: Duetto, 2005.

VASCONCELOS, Sylvio de. *Vida e obra de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho*. São Paulo, 1979.



Sites: <http://orbita.starmedia.com/hyeros/antigotestamento041.html>